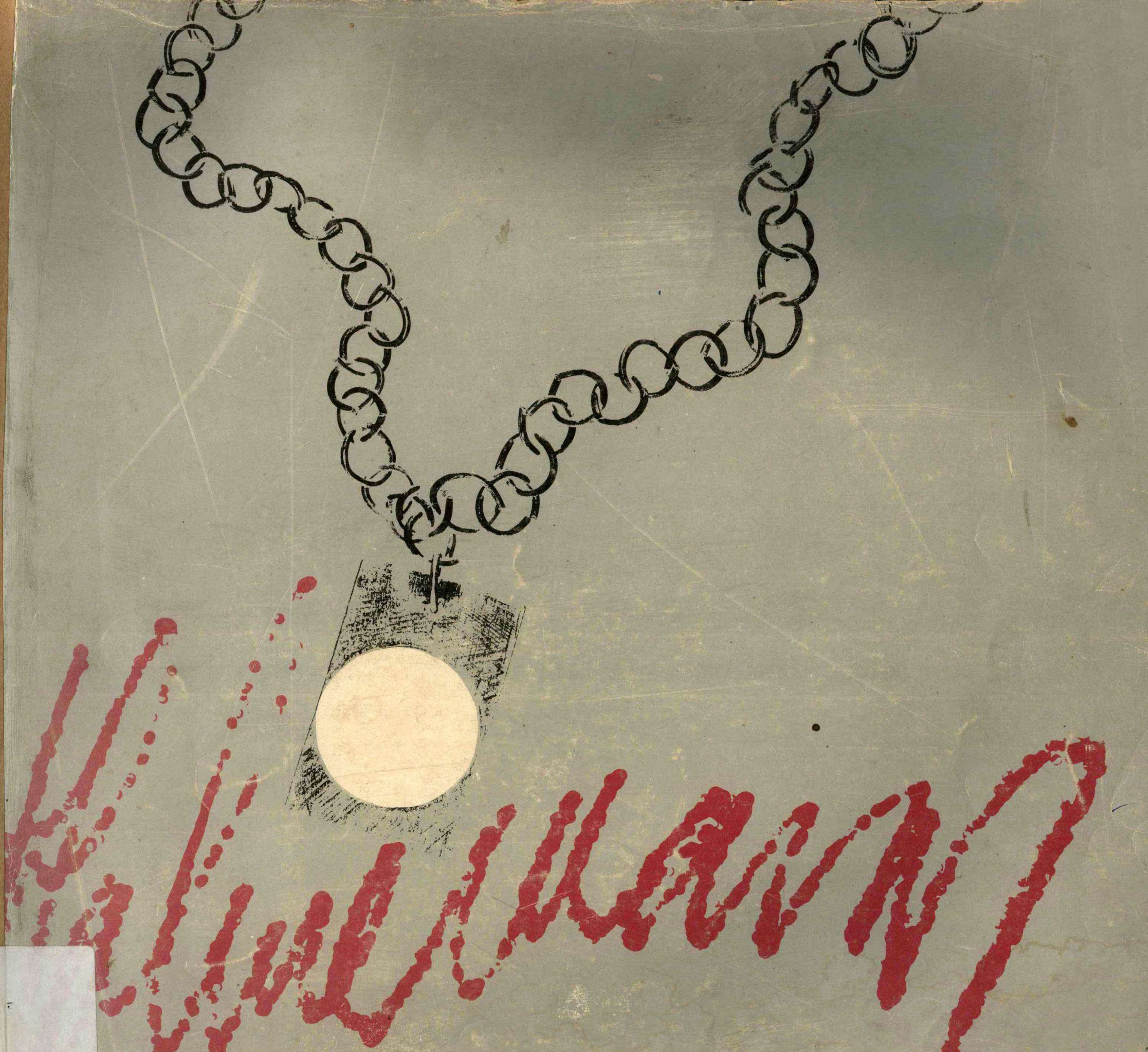


h a h n e m a n n

.92811
A489 h
D: 022106

JOSÉ LINDOSO
GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

EDIÇÕES GOVERNO DO ESTADO DO AMAZONAS

FUNDAÇÃO CULTURAL DO AMAZONAS

Este álbum, com tiragem de dois mil exemplares, acabou-se de imprimir no Amazonas, dia 21 de janeiro de 1981, ano 313°. da fundação do Forte São José do Rio Negro, mais tarde Vila da Barra, hoje Manaus, nas oficinas da Editora Calderaro.

Amm
740.92811
A489h

programação gráfico - visual: Roberto Evangelista.

h a h n e m a n n

O menino que um dia quis ser pintor
E foi.
E também o mais genuino dos pintores amazonenses, porque não houve outro ainda que tivesse as raízes tão profundamente entranhadas na terra.
Quando o conheci tinha ele 13 ou 14 anos. Expunha pela primeira vez na Feira de Artes Plásticas do Clube da Madrugada, lá na Praça da Saudade. E já então, os seus quadros tinham por tema o povo e os costumes da sua terra, do interior e da cidade de Manaus, onde nasceu. Tanto a ingenuidade faceira das moças do interior como o bolício desbragado das meninas "da Frei José dos Inocentes", eram tratados com a mesma leve ironia e tocante ternura de quem é da mesma gente.
Porém, como não é possível, de momento, fazer-se um catálogo das suas pinturas, pois grande parte dos seus quadros se encontra dispersa e não localizada **resolvemos dar a público um álbum dos desenhos encontrados no seu caderno de apontamentos e papéis avulsos.**

Simples, com uma economia extrema de pormenores, mas de uma força telúrica intensa, estes esboços fixaram no momento eterno as atitudes da sua gente, às vezes de modo grotesco, irreverente, mas sempre marcadas pelo gesto ancestral.
Por eles se pode medir o gênio de Hahnemann.
Aquela foi a época da demolição de valores, da negação da arte, das drogas, do movimento hippie. Hahnemann, como muitos outros jovens não pode deixar de se envolver pela doutrina nova e fascinante.
Usou cabelo "black power", jeans, deixou de pintar — "quadro a óleo já era" — fez "viagens".
Depois... Depois foi tempo de pesadelo.
A notícia apareceu no jornal em pleno carnaval. Mostrei para a Regina e durante toda a manhã, sombrios, não trocamos comentários.

Só à hora do almoço, na defesa das paredes de nossa casa, ainda sem falarmos, a Regina me abraçou chorando sem controle. Só então conversamos sobre a notícia. Tinha de haver alguma coisa errada.
Lúcia apareceu ao fim da tarde. O que aconteceu Lúcia? Lúcia, dilacerada, foi à Delegacia de Polícia. Lá não sabiam de nada.
Telefonaram para Belém. E a resposta veio num telegrama lacônico e cru. Era verdade.
Não sei quantos dias se passaram sem que tivesse coragem de ir a casa de Hahnemann. A mãe, alucinada, chorando falava, repetia-se numa obcessão, sem que as frases se ligassem. Segurei-lhe a cabeça para que não enlouquecesse.
Hahnemann suicidou-se em Belém no dia 22 de fevereiro de 1971. Tinha 23 anos.
Naquele dia, a lâmina da tesoura se cravou em todos os nossos corações, não só no dele.
Ainda dói.

Alvaro Páscoa.

Hahnemann

Enéas

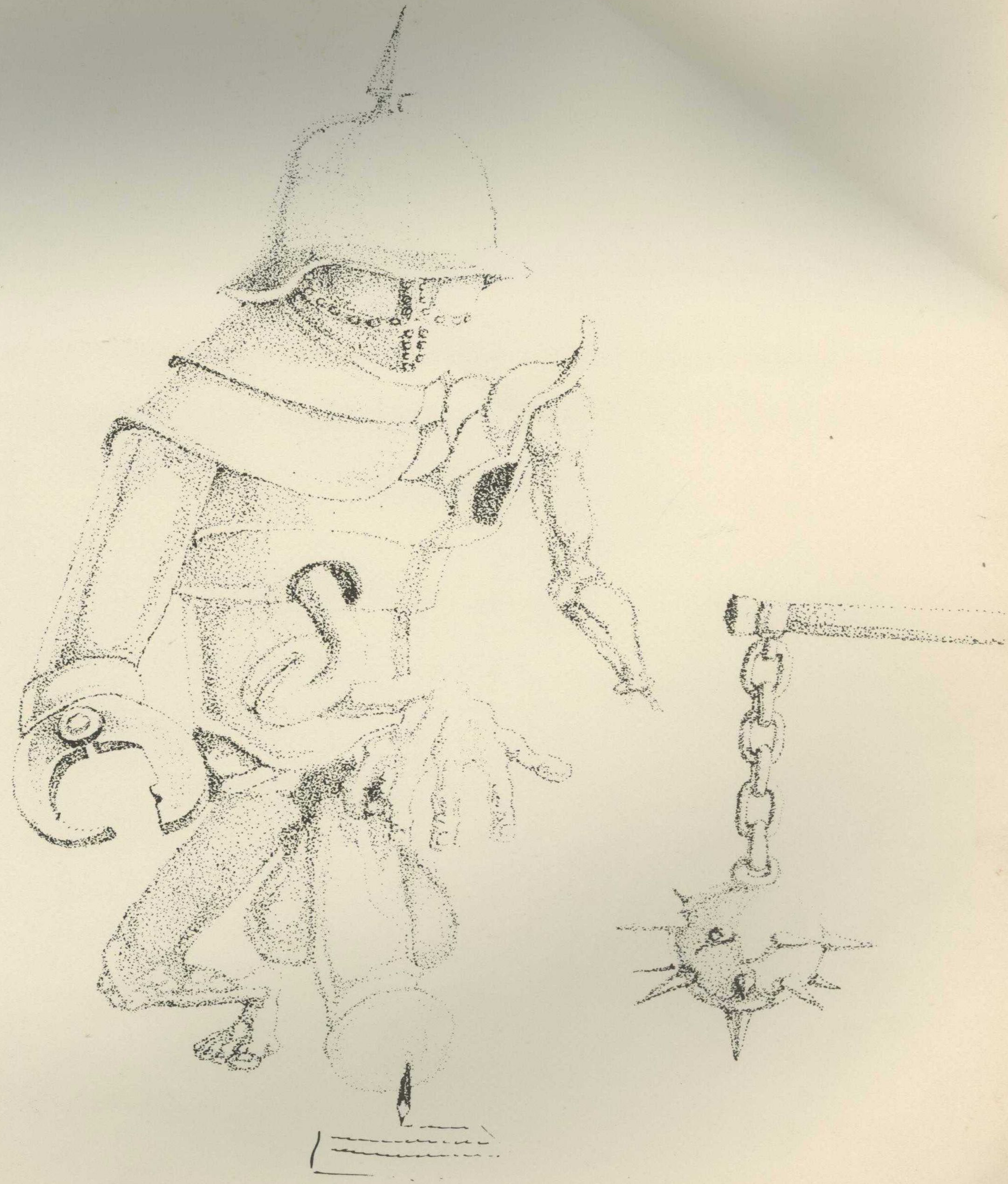
Aurélio

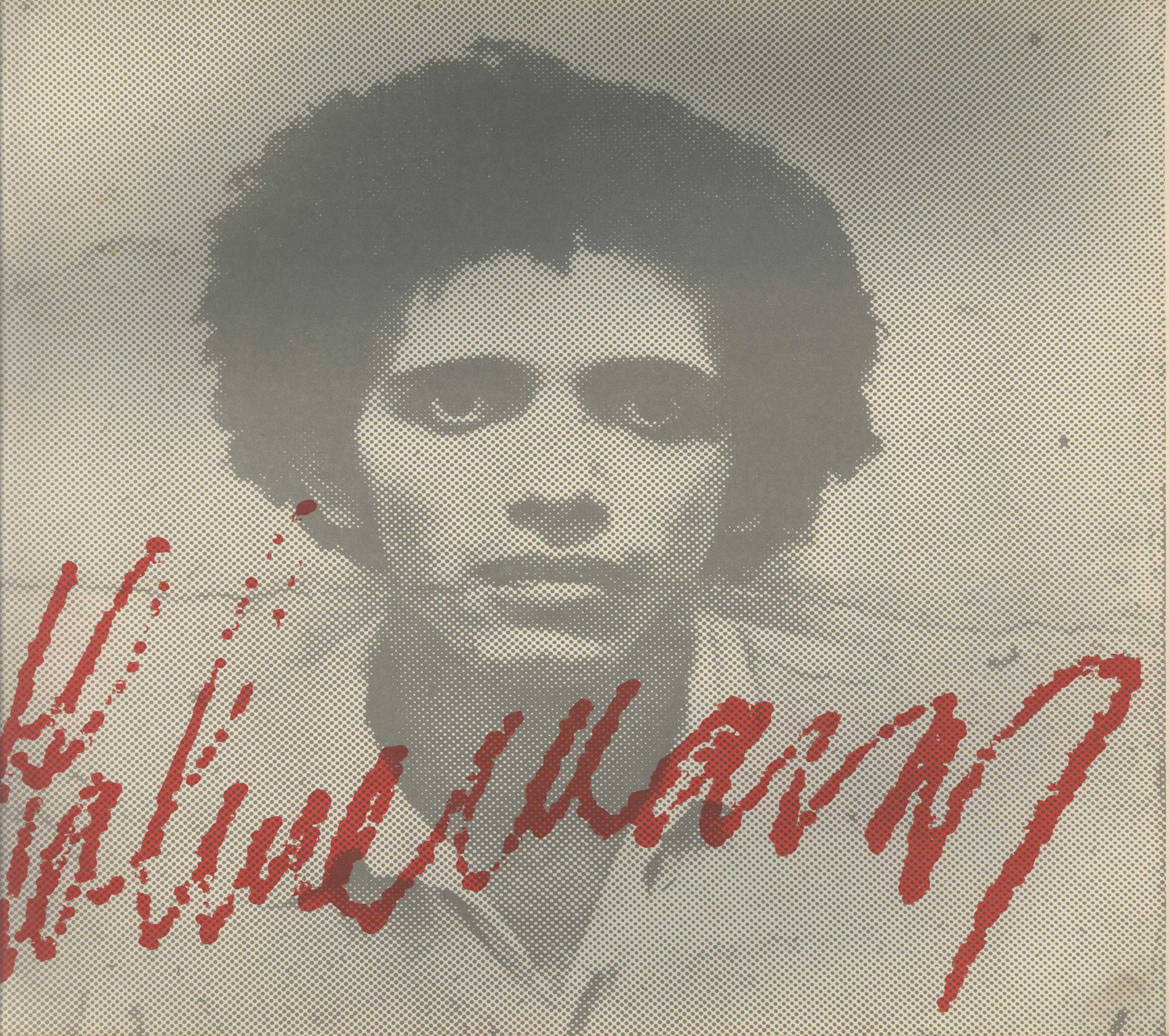
Quando nasceu, não tem importância. Morreu com pouco mais de vinte anos. Mas a cidade, de maneira insidiosa, nos segreda que morreu como um criminoso. Era filho de uma zeladora e morava no porão de um palácio. Por não querer se colocar em seu lugar, quis ser artista, um pintor, o que para gente de sua laia não poderia ser mais do que um pintor de paredes. Mas era um desses talentos plásticos que nada refreava, estava marcado para ser sempre vítima, algo contagioso e possivelmente merecesse desde já um reformatório. Visto sempre com maus olhos, o marginal foi aceito como um mal necessário. Deram-lhe os pés e ele quis as mãos. Para este sonhador não há esperança de despertar, o pesadelo será um aniquilamento irredutível que a repressão provinciana alimentará com afinco. Conhecendo os favores de homens públicos, o convite para fazer o mural na nova agência do Banco do Brasil, Hanneman nunca tomou essas facilidades como um fim, e por não aviltar a sua arte, a mentalidade utilitarista reconheceu isto como um sintoma da doença. Depois, quando começou a se drogar, como mais uma vítima da decadência moral da burguesia (Hanneman foi atingido como um índio é atingido e morto pelas doenças civilizadas), todos sentiram-se gratificados. O passo mais lógico estava no suicídio, que ele transgrediu mais uma vez. Os provincianos bem comportados não viram mais que um desagradável quadro clínico. Assim como o seu amor à pintura o levou a drogar-se e a destruir seus últimos trabalhos, recusou o ato solitário que é o suicídio, já que as angústias metafísicas que se colavam em sua pele eram uma impostura civilizada. E do mesmo modo que fez a província engolir em seco com sua antropofagia amarela premiada e suas recusas, obrigou sua audiência a um espetáculo de sangue. Um ato tresloucado, disseram. Mas não sabiam que, ao dar um significado ao ato, nomearam suas impotências cultivadas. Hanneman, já como um mito, vingou-se nesse reflexo.

Como a vida do pintor, sua pintura foi também um retorno a tragédias esquecidas. Naquele amarelo constante e quase sempre erótico, finalmente repugnante, Hanneman reencontrou a agonia da Amazônia. Não somente a alienação dos caboclos, dos marginais da cidade, mas a determinista condenação ao genocídio destinada aos índios. Ao lado do discurso branco, documentarista, esse rio subterrâneo que é a linguagem originária dos índios foi retomado. Hanneman representa com sua tragédia o homem da Amazônia. Ele nos mostra constantemente que há algo na própria vida que em nossa cultura, somente a poesia pode se aproximar. Assim como todo índio é um filósofo pré-socrático, que não reconhece o homem autoritário e nem estabelece graus de responsabilidades para as coisas, Hanneman era como um daqueles anarquistas clássicos que confundiam a vida com a própria poesia. Pode, por isso, compreender a nossa região muito mais do que qualquer tecnocrata montado em estatísticas inverificáveis. O quadro de Hanneman, "Cafuné", corresponde, no extremo, às palavras livres de "Cobra Norato", isto é, no momento exato do escândalo. Bastou que Raul Bopp penetrasse nesse mundo antes do castigo, onde ele próprio era tangido pelo nexo poético, para que as palavras escapassem do artifício cultural da representação "pura". Já não se trata da vitória da palavra sobre a representação oca da retórica, é a devassidão repetida no amarelo-desejo que rompe com os limites da semelhança. A linha antropofágica de Hanneman corresponde ao ato sexual de Cobra Norato com a filha da Rainha Luzia, o objeto desejado e o orgasmo conseguido. "Cafuné": o amarelo é o desejo representado e apenas envolvente pela presença das curvas obesas que delimitam os corpos, mergulhados como atores em transe que se entregam ao pleno reconhecimento dessa paixão incontrolável, ao mesmo tempo agressiva e inocente, exterior e quente. Eis a forma do desejo: a úmida textura do óleo, o envolvimento constante. Os gestos de carícia, essas linhas marcam as possibilidades do delírio. A passividade quase absoluta da arte amazonense está definitivamente banida de sua obra desesperada.

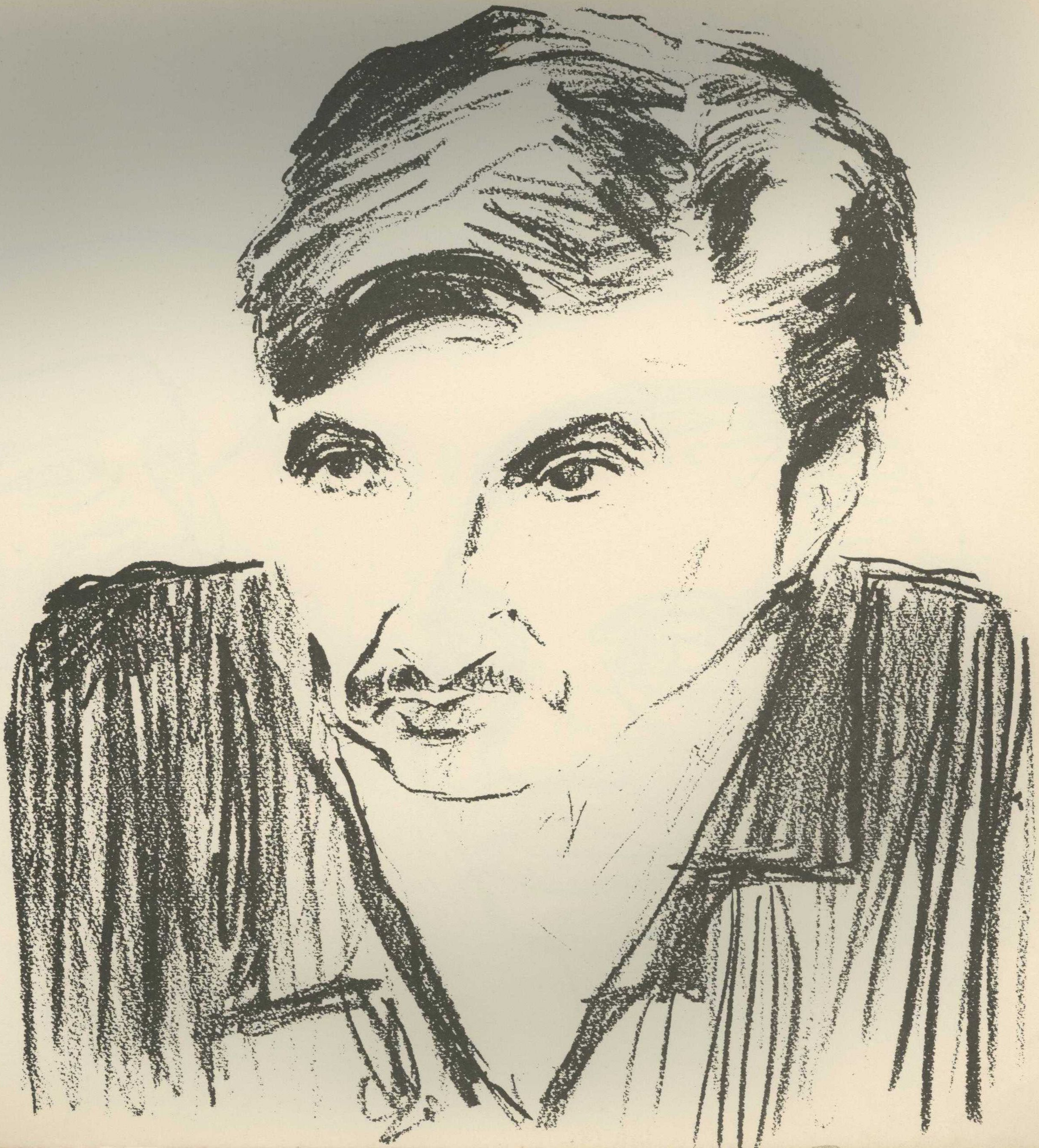
Márcio Souza

"A Expressão Amazonense" Ed. ALFA OMEGA — 1973





CAR
AS

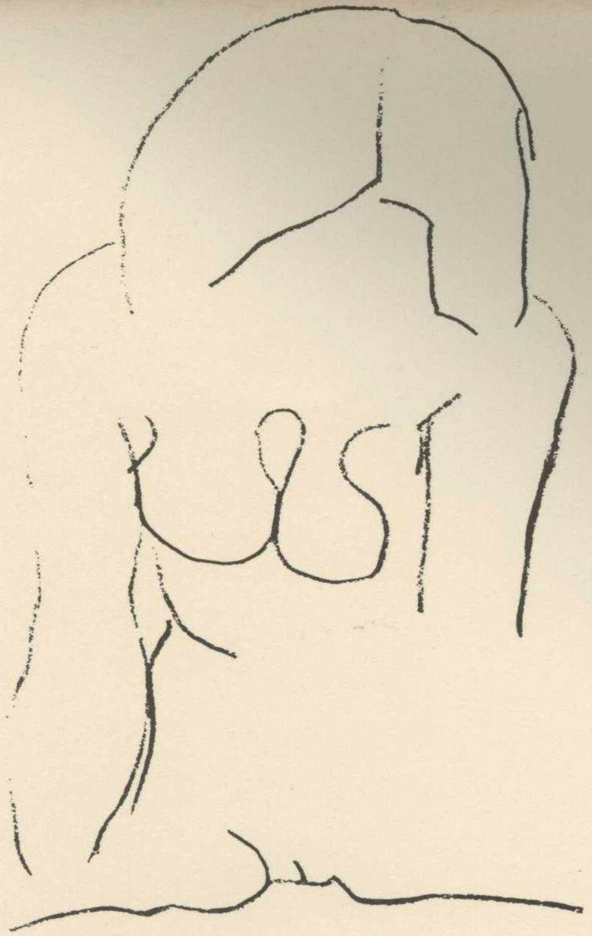


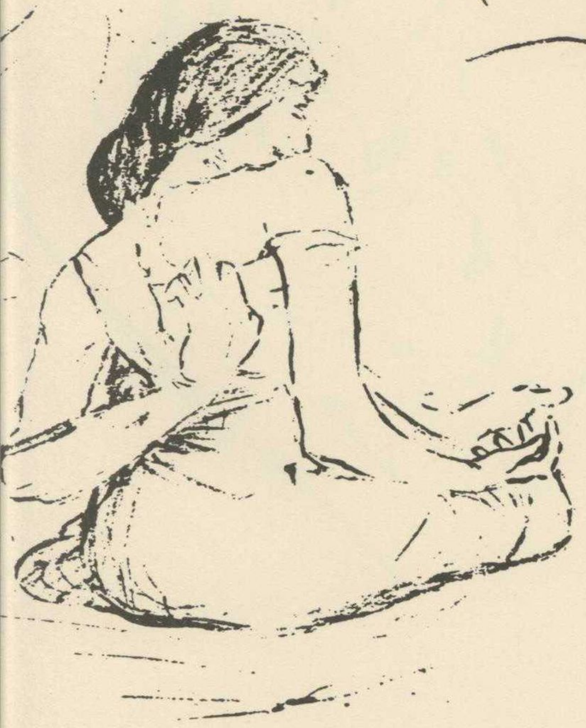
Hahnemann
21-3-68

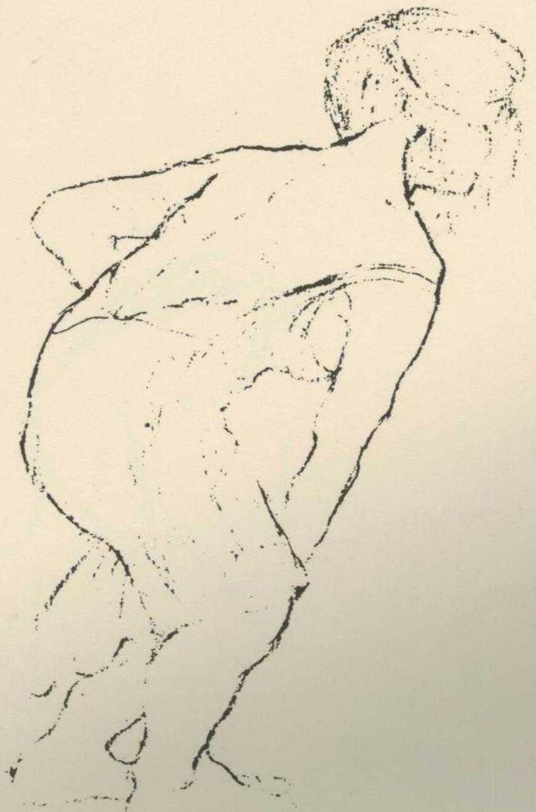
Hahnemann

MULHER

CONDIÇÃO





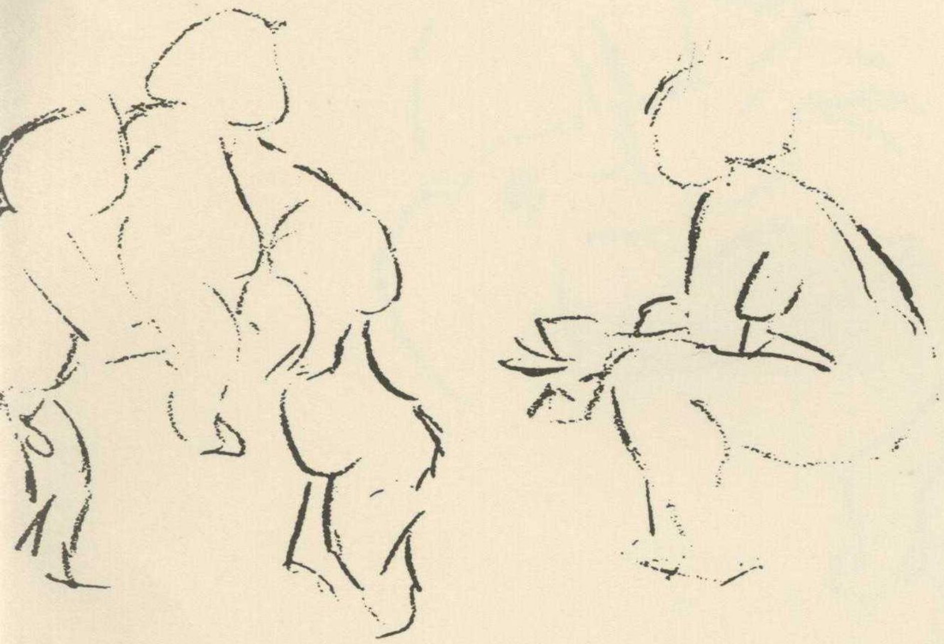


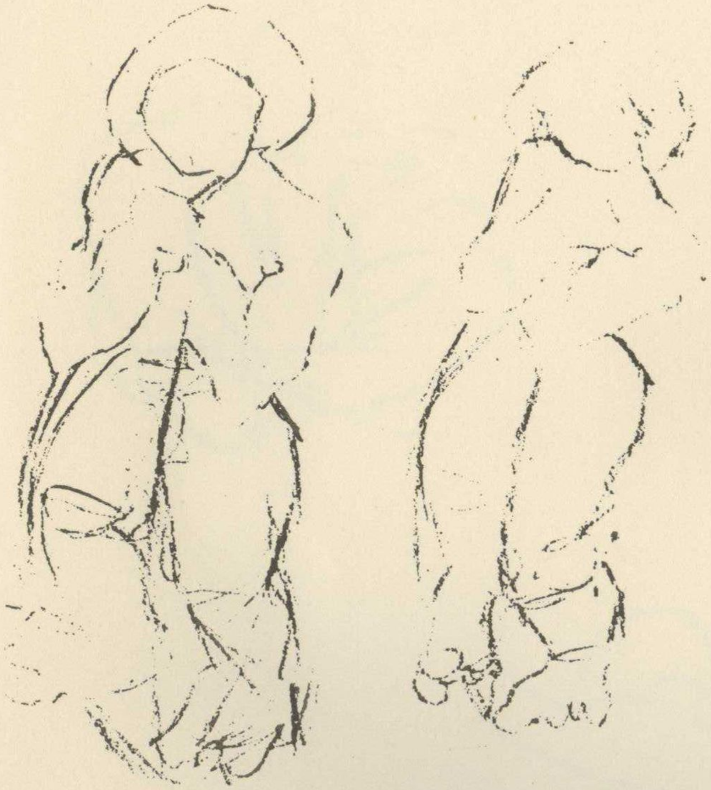
HAHNEMANN

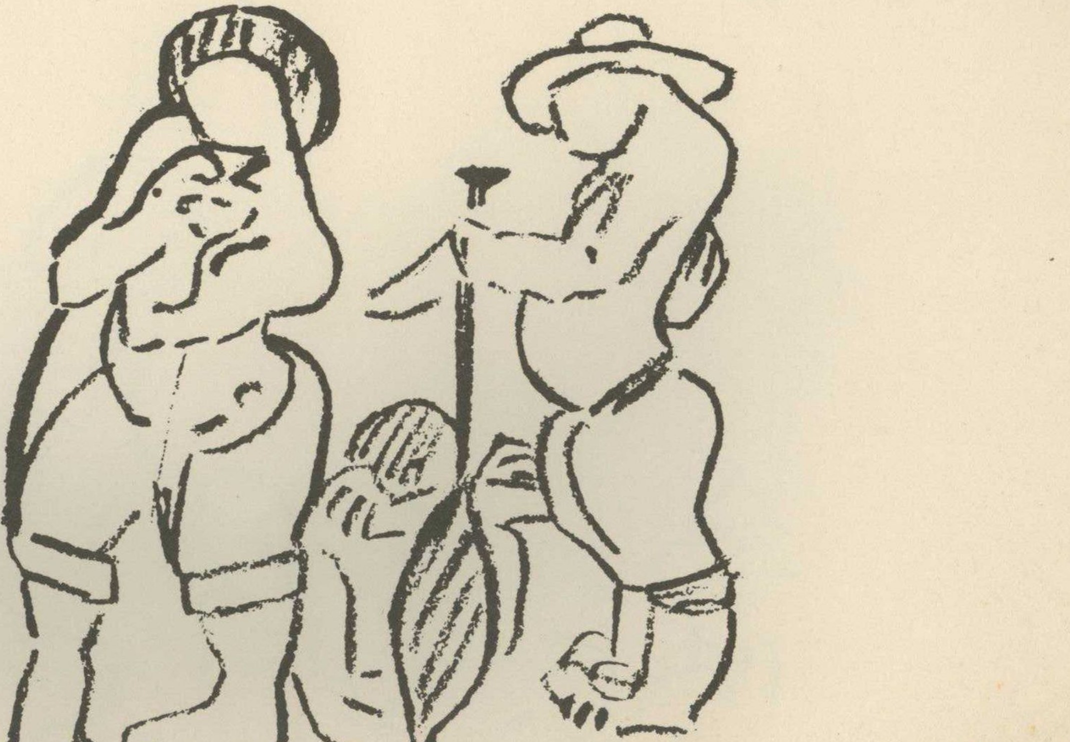
O POVO

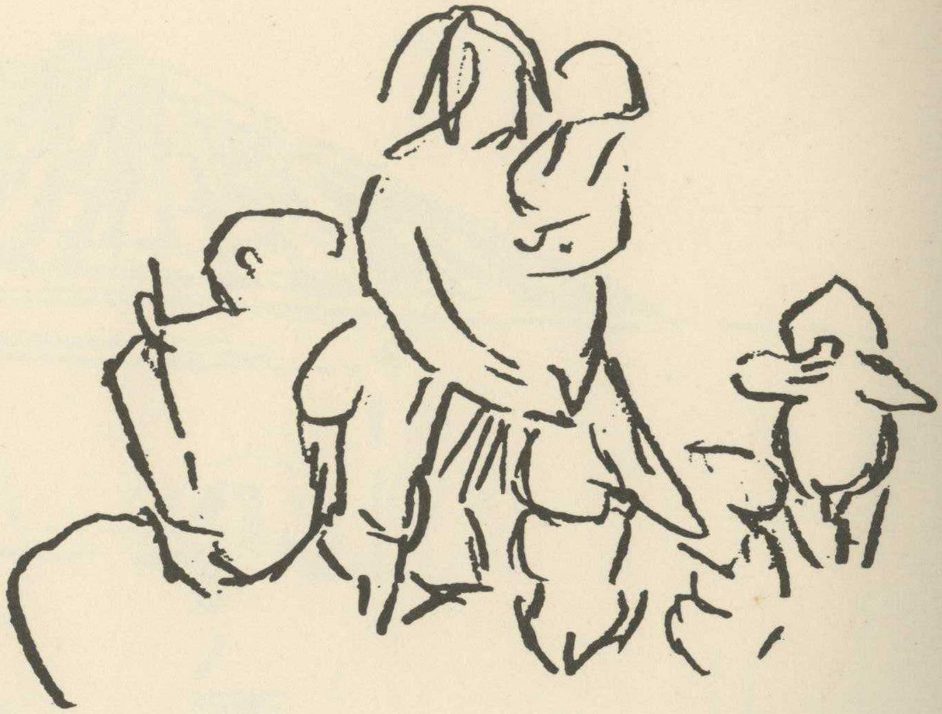
DO

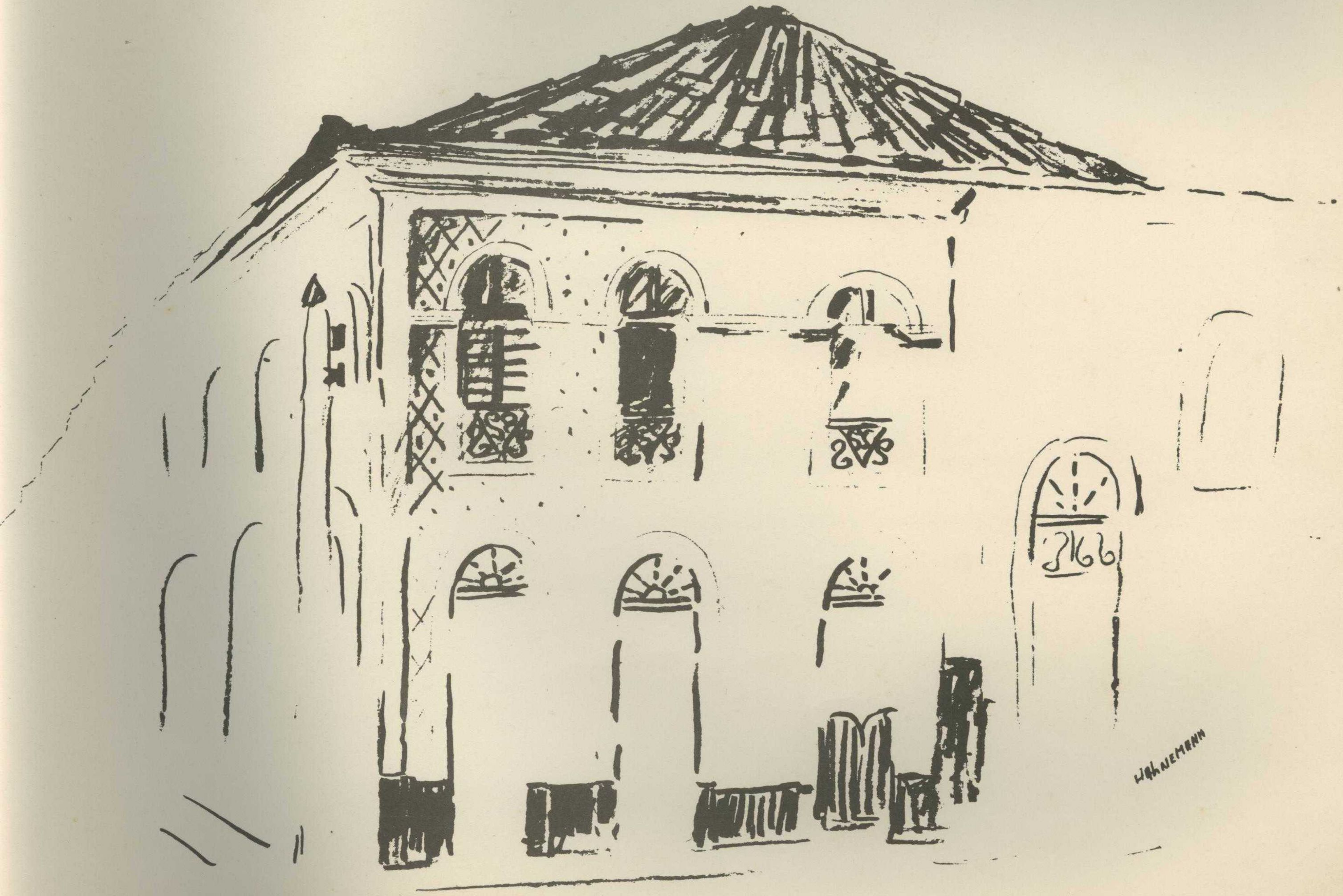
LUGAR

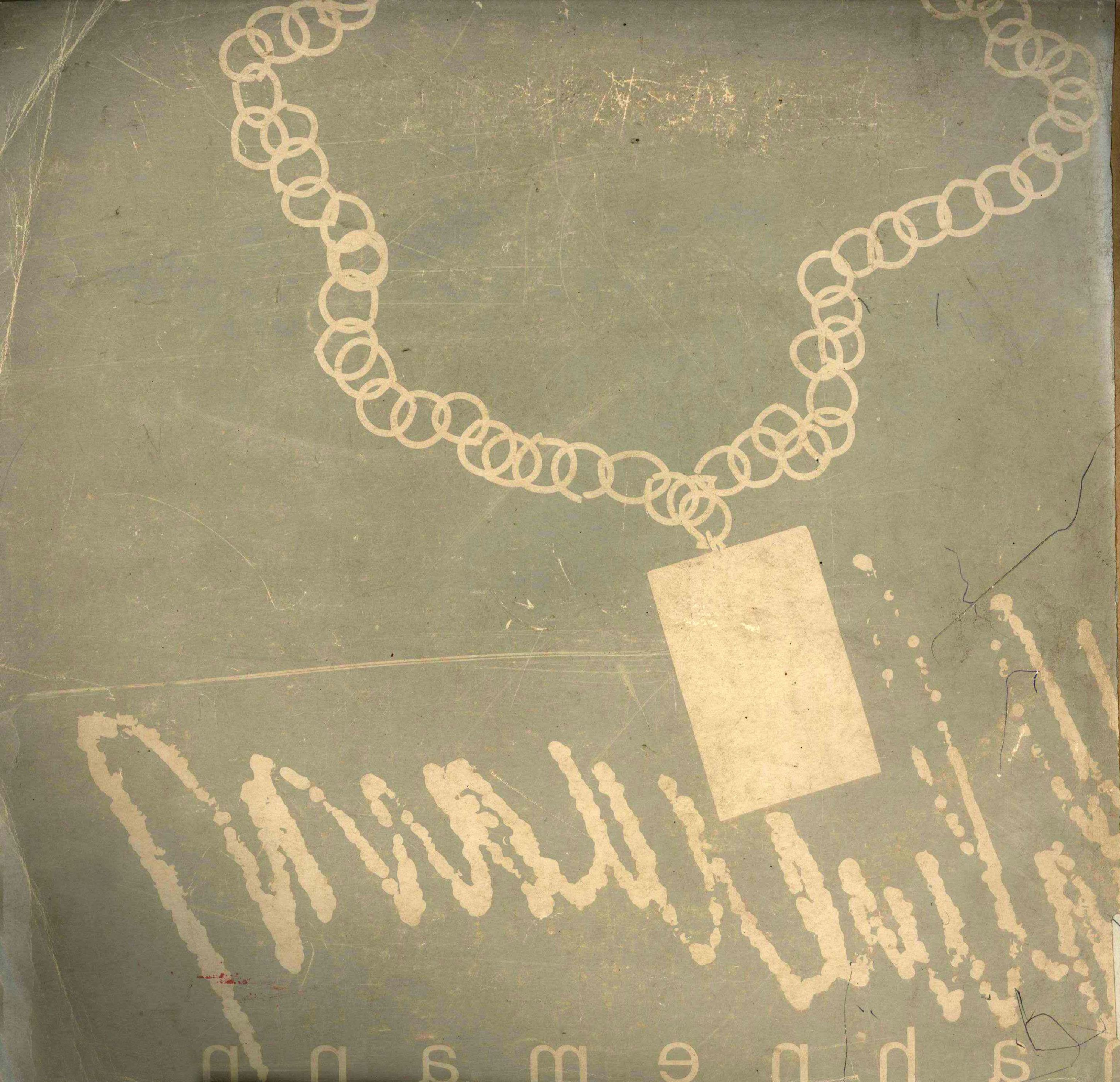









HAHNEMANN



Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO
TRABALHO QUE TRANSFORMA

Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.

ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804
cdmam@cultura.am.gov.br
acervodigitalsec@gmail.com

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E
MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM